

HEDVANE FERREIRA DE SOUZA

**COESÃO E COERÊNCIA EM REDAÇÕES ESCOLARES
DO ENSINO MÉDIO**

Monografia apresentada como requisito à obtenção do título de Especialista em LÍNGUA PORTUGUESA TEXTO E DISCURSO, pelo UNICEUB - ICPD, sob a orientação da Professora DOUTORA F. CORDÉLIA OLIVEIRA DA SILVA.

Brasília, setembro de 2006

CAPÍTULOS

CAPÍTULO I

CAPÍTULO II

CAPITULO III

CAPÍTULO IV

INTRODUÇÃO

Qualquer produtor de texto pretende ao construí-lo informar, divertir, explicar, convencer, discordar, ordenar, etc. O texto é uma unidade de significado produzida sempre com uma determinada intenção. Assim como a frase não é uma simples sucessão de palavras, o texto também não é uma simples sucessão de frases, mas um todo organizado capaz de estabelecer contato com nossos interlocutores, influenciando sobre eles. Quando isso acontece, temos um texto em que há coerência.

A coerência é resultante da não-contradição entre os diversos segmentos textuais que devem estar encadeados logicamente. Cada segmento textual é pressuposto do segmento seguinte, que por sua vez será pressuposto para o que lhe estender, formando assim uma cadeia em que todos eles estejam concatenados harmonicamente. Quando há quebra nessa concatenação, ou quando um segmento atual está em contradição com um anterior, perde-se a coerência textual. O contexto extraverbal também influencia na coerência, dado que aquilo que o texto faz referência precisa ser conhecido pelo receptor. A coesão pode ser entendida como um conceito semântico referente às relações de sentido que se estabelecem entre os enunciados que compõem o texto e o definem como texto. Pode-se dizer, então que um discurso possui coesão na medida em que permitem um desenvolvimento proposicional eficaz, e que as frases possuem uma forma apropriada na medida em que permitem esse desenvolvimento.

Nesse contexto evidencia-se entre jovens e adultos uma grande dificuldade em se expressar na forma escrita, tornando necessário em todos os níveis de escolaridade o incentivo à produção de textos como forma de prazer, momentos dedicados à escrita sem a preocupação de tirar notas proporcionando a interação entre a coesão e a coerência textual.

Para tanto se mostra a necessidade de atividades e de novas estratégias de trabalho que focalizem o aspecto da coesão e coerência em produções textuais, apontando caminhos diferentes de ensinar esse conteúdo conforme *Marcos Bagno* (1999), sendo relevante investigar se há elementos de coesão e coerência em textos produzidos por alunos do Ensino Médio.

Analisar os elementos de coesão e coerência em produções escritas pelos alunos do ensino médio de uma escola em Boa-vista – G.O será o objetivo desta pesquisa apoiando-se em outros específicos como: analisar algumas produções textuais dos alunos do ensino médio;

identificar marcas e não-marcas de coesão e coerência nos textos escritos e sugerir alternativas para trabalhar e desenvolver melhor os elementos de coesão e coerência em produções escritas dos alunos.

Para nortear esta pesquisa, serão utilizados alguns conceitos de autores especialistas em coesão e coerência textual como Leonor Lopes Fávero em *Coesão e coerência textuais* e também Ingedore Villaca Koch em *A Coerência Textual* que expõe claramente a constituição dos sentidos nos textos e também se apóia em exemplos bem escolhidos para expor a complexa propriedade da coerência textual. Além de Beaugrande, Dressler e Travaglia.

I- COMPETÊNCIA TEXTUAL

A competência textual é formada por habilidades que se dividem em capacidades de parafrasear um texto, de resumi-lo, de atribuir-lhe um título, de produzir um texto, a partir de um título dado, e de distinguir um texto segundo os vários tipos de texto.

O termo “texto” pode ser tomado em duas acepções:

Texto em sentido amplo, designando toda e qualquer manifestação da capacidade *humana* (musical, um filme, uma escultura, um poema, etc) e, em se tratando de linguagem verbal, temos o discurso, atividade comunicativa de um sujeito, numa situação de comunicação dada, englobando o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor e o evento e sua enunciação.(FÁVERO e KOCH, 1983, p. 25)

O texto consiste, então, em qualquer passagem falada ou escrita num contínuo comunicativo caracterizado pelos fatores da textualidade dentro dos quais falar-se-á da coerência e coesão. Coerência é a ligação em conjunto dos elementos formativos de um texto; a coesão é a associação consistente desses elementos. Estas duas definições literais não contemplam todas as possibilidades de significação destas duas operações essenciais na construção de um texto e nem sequer dão conta dos problemas que se levantam na contaminação entre ambas.

As definições apresentadas constituem apenas princípios básicos de reconhecimento das duas operações. A distinção entre estas duas operações ou fatores de textualidade está ainda em discussão quer na teoria do texto quer na lingüística textual.

Entre os autores que apenas se referem a um dos aspectos, sem qualquer distinção, estão Halliday e Hasan, defendem ser a coesão entre as frases o fator determinante de um texto enquanto tal; é a coesão que permite chegar à textura (aquilo que permite distinguir um texto de um não-texto); a coesão obtém-se em grande parte a partir da gramática e também a partir do léxico. Por outro lado, autores como Beaugrande e Dressler(1981) apresentam mais um ponto de vista: coerência e coesão são níveis distintos de análise. A coesão diz respeito ao modo como se liga os elementos textuais numa seqüência; a coerência não é apenas uma marca textual, mas diz respeito aos conceitos e às relações semânticas que permitem a união dos elementos textuais.

A coerência de um texto é facilmente deduzida por um falante de uma língua, quando não encontra sentido lógico entre as proposições de um enunciado oral ou escrito. É a competência lingüística, tomada em sentido lato, que permite a esse falante reconhecer de imediato a coerência de um discurso. A competência lingüística combina-se com a competência textual para possibilitar certas operações simples ou complexas da escrita literária ou não literária: um resumo, uma paráfrase, uma dissertação a partir de um tema dado, um comentário a um texto literário, etc.

Coerência e coesão são fenômenos distintos porque podem ocorrer numa seqüência coesiva de fatos isolados que, combinados entre si, não têm condições para formar um texto. A coesão não é uma condição necessária e suficiente para constituir um texto.

A coerência de um texto depende da continuidade de sentidos entre os elementos descritos e inscritos no texto. A fronteira entre um texto coerente e um texto incoerente depende, em exclusivo, da competência textual do leitor para decidir sobre essa continuidade fundamental que deve presidir à construção de um enunciado. A coerência e a incoerência revelam-se não direta e superficialmente no texto, mas indiretamente por ação da leitura/audição desse texto. As condições em que esta leitura/audição ocorre e o contexto de que depende o enunciado determinam também o nível de coerência reconhecido.

A primeira reação de um leitor comum é a de não reconhecer qualquer elemento específico que permita concluir tratar-se de um texto literário, mesmo que seja possível reconhecer nele coesão (o enunciado está construído linearmente e respeita todas as regras gramaticais de conexão). O que se duvida da literariedade e da textualidade deste texto é a sua aparente falta de sentido na relação entre o sinal gráfico de exclamação, centralizado como um título, e o enunciado subjetivo. De certeza, muitos resistirão inclusive à aceitação de tal texto como um texto e dirão tratar-se de uma "aberração lingüística", um "capricho semântico", uma "construção acidental de palavras e sinais", ou qualquer outra coisa semelhante. Um leitor mais exigente poderá argumentar que tal construção é de fato um texto literário, cuja literariedade e textualidade estão associadas à combinação intencional entre um signo gráfico e signos lingüísticos, com o objetivo de produzir uma relação significativa simbólica - existirá, portanto, certa coerência. A explicitação de tal relação significativa variará naturalmente de leitor para leitor, conforme a sensibilidade literária de cada um.

Neste segundo caso, em que se procura uma significação literária para uma construção aparentemente não literária, dificilmente poderia se defender a pretensa literariedade e a textualidade com argumentos lógicos para todos os leitores, o que nos leva a concluir que o que

faz a literariedade e a textualidade de um texto é em primeiro lugar o reconhecimento geral dessa propriedade por toda uma comunidade interpretativa.

Não esquecer ainda que qualquer texto pode resistir à tentativa de controlar a sua organização interna, isto é, pode resistir a qualquer delimitação do seu nível de coerência. Nisto se distingue da coesão, que possui um grau de resistência menor. A coerência está mais sujeita à interpretação do que a coesão. Se não é possível determinar uma classificação textual, porque não é possível sistematizar processos de resolução hermenêutica, já é possível determinar regras gramaticais de coesão e sistematizar processos de construção textual.

Para além da lingüística textual, pode-se discutir os conceitos de coesão e sobretudo o de coerência no âmbito da textualidade puramente literária, por exemplo, na construção de uma narrativa. Tradicionalmente, todas as formas naturais (para distinguir das formas subversivas de vanguarda) de literatura ambicionam a produção de textos coesos e coerentes, por exemplo, no caso do romance, com personagens integradas linearmente numa narrativa, com uma intriga de progressão gradual controlada por uma determinada lógica, com ações interligadas numa sintaxe contínua, com intervenções do narrador em momentos decisivos, etc. Por outro lado, nunca ficará claro que todas as formas de anti-literatura possam ser desprovidas de coesão e de coerência.

As experiências textuais que tendam a contrariar as convenções de escrita e/ou até mesmo as regras da gramática tradicional também podem distinguir-se por uma forte coesão ou coerência dos seus elementos.

Nenhum leitor terá dificuldade em reconhecer a coesão textual com os seus elementos léxico-gramaticais devidamente postos numa seqüência lógica, e a coerência das idéias comunicadas num contínuo narrativo convencional. Numa primeira leitura, o texto oferece resistência a ser considerado um texto, a ser considerado um texto coeso, a ser considerado um texto coerente. Este texto é uma forma de anti-literatura, cuja coesão e coerência dependem em exclusivo da capacidade de abstração do leitor para poder ser entendido. Se começamos por dizer que um falante necessita de possuir uma competência textual e uma competência lingüística para reconhecer a coerência e a coesão de um enunciado escrito ou oral, também é legítimo exigir uma competência literária e cultural ao leitor que quiser interpretar um texto anti-literário de textualidade literária não convencional.

Não é de desprezar o conceito de coerência dentro da filosofia, nomeadamente no âmbito das especulações sobre a verdade, que ocuparam pensadores como Espinoza, Leibniz, Hegel, Bradley, Neurath ou Hempel, Beaugrand, Dressle e Koch cada um defendendo abordagens

diferentes entre si, mas todos estudando o critério da verdade a partir do conceito de coerência. Resume-se assim, as principais proposições que os teóricos da coerência discutem: 1) a coerência é o critério da verdade; 2) a coerência é uma propriedade essencial do mundo; 3) a verdade só pode ser definida em termos de coerência.

Ora, se não há filosofia sem a coerência de juízos, também não há teoria nem crítica literária, ou qualquer ciência que pretenda alcançar alguma forma de conhecimento. Em termos de textualidade convencional, um texto necessita da mesma coerência de juízos para formar sentido e poder constituir-se como texto legível. Esta coerência pode ser aceita como critério geral de textualidade como é aceita na avaliação filosófica da veracidade dos juízos. O teórico da literatura só não precisa concordar (ou provar) que o mundo seja igualmente coerente - tarefa das crenças ontológicas na coerência. Ao contrário da matemática, por exemplo, a literatura não é uma rede de verdades que consideramos verdadeiras porque é possível provar objetivamente que são coerentes com outras verdades - em literatura, uma verdade não implica necessariamente outra verdade, tal só deve ser possível e lógico ao nível da textualidade pura, que exclui certos problemas epistemológicos como a indeterminação, verdadeiros inimigos da coerência, não da literatura. Por tudo isto, a coerência como critério de textualidade só faz sentido ao buscar-se uma determinada ordem sistemática num texto, em oposição à desordem que proporciona a ilegibilidade, cuja aceitação dependerá sempre da posição crítica do leitor.

II. COESÃO E COERÊNCIA SEGUNDO BEAUGRANDE, DRESSLER, KOCH E TRAVAGLIA.

Pretende-se construir um quadro teórico que, em princípio, estará pautado nos seguintes autores: Robert de Beaugrande, Wolfgang Dressler, Ingedore Villaça Koch.

1. A lingüística textual

O estudo da coesão textual tem sido predominantemente desenvolvido dentro do ramo da lingüística a que se denomina de Lingüística do Texto.

A Lingüística do texto foi uma corrente de pesquisa que surgiu nos anos 60, cujo objeto particular de investigação era o TEXTO. Só veio a ter projeção a partir dos anos 70. Teve inicialmente, por preocupação descrever os fenômenos sintático-semânticos que ocorriam entre enunciados ou seqüências de enunciados. Este é o momento a que se denomina “análise transfrástica”, no qual não se faz, ainda, distinção nítida entre fenômenos ligados uns à coesão, outros à coerência do texto.

Na década de 70, muitos estudiosos encontraram-se, ainda, bastante presos à gramática de texto. A partir da descrição de fenômenos lingüísticos inexplicáveis pelas gramáticas de frase - já que um texto não é simplesmente uma seqüência de frases isoladas - mas uma unidade lingüística com propriedades estruturais específicas. Tais gramáticas tiveram por objetivo apresentar os princípios de constituição do texto em dada língua (Koch, 1989).

Foi a partir de 1980 que as Teorias do Texto ganharam corpo. Assim, a Lingüística Textual amplia-se e apresenta-se em diversas vertentes. Existem vários representantes de cada uma delas como Givon, Weinrich, Van Dijk, Petofi, Schmidt, Halliday e Hasan, Beaugrande e Dressler, entre outros.

A fundamentação teórica desta pesquisa irá se deter nas teorias apresentadas por Beaugrande e Dressler. Os mesmos têm se dedicado ao estudo dos principais critérios ou padrões de textualidade e do processamento cognitivo do texto. Apontam como critérios de textualidade a **coesão** a **coerência** (centradas no texto); a informatividade, a situacionalidade, a intertextualidade, a intencionalidade e a aceitabilidade (centrados no usuário). Adotam entre outros pressupostos, os da semântica, dá realce ao estudo da coerência e do processamento do

texto, não só ao conhecimento declarativo (dado pelo conteúdo proporcional dos enunciados), mas também ao conhecimento construído.

2. Coesão e Coerência segundo Beaugrande e Dressler

Segundo Beaugrande e Dressler (1981), existem alguns elementos ou fatores responsáveis pela textualidade. Tais fatores são em número de sete: coesão, coerência, informatividade, situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade. Este trabalho será dedicado ao estudo de dois fatores: **coesão** e **coerência** textuais.

De acordo com os mesmos, a coesão textual é a maneira como os componentes da superfície textual, isto é, as palavras que ouvimos ou vemos são mutuamente conectadas em uma seqüência. A coesão dentro da frase, oração e período resultando de dependências gramaticais de curta distância, prontamente identificáveis e que são, assim, mais diretas e óbvias que as existentes entre unidades de discurso mais extensas como frases e parágrafos. Nestes segmentos maiores do texto, o que se faz é descobrir como os elementos e estruturas já usados podem ser reutilizados, modificados e compactados, o que se dá por mecanismo de repetição, substituição, omissão e assinalamento de relação.

Para os autores existem sete tipos de coesão: recorrência, pró-formas, elipse, tempo e aspecto, junção, perspectiva funcional, frase e entoação.

2.1 Recorrência - é a repetição de elementos e se dá quando a ocorrência original é reiterada uma ou mais vezes. Existem vários tipos de recorrência – lexical que é a repetição da(s) mesma(s) palavra(s) ou expressão (ões); parcial que ocorre quando há repetição de elementos básicos de palavras já usadas, mas mudados para uma classe diferente e a paráfrase onde há recorrência de conteúdos, mas com mudança de expressão.

2.2 Pró-formas – recursos coesivos usados na comunicação diária para abreviar e simplificar a superfície textual. São palavras pequenas, econômicas, vazias de sentido e que ficam no lugar de outras no texto. A mais conhecida das pró-formas é o pronome. Pode ser usado depois da expressão substituída, o que poderá ocorrer, então, é a anáfora. Mas pode vir antes da expressão que substitui, e, neste caso, tem-se a catáfora. Há outros tipos de pró-formas, uma que pode estar no lugar de um verbo ou frase verbal, isto é, um pró-verbo; uma outra que é um pró-modificador cuja palavra pode funcionar como pró-complemento e ficar no lugar de qualquer modificador ligado ao verbo.

2.3 Elipse - ocorre quando se pode verificar uma perceptível descontinuidade na superfície textual. Quando a estrutura completa se encontra antes da elipse tem-se uma anáfora elíptica.

2.4 Junção - pode dar-se com ou sem uso de partículas seqüenciadoras. A função sem partículas extrapola o âmbito da coesão textual, pois diz respeito ao modo dos componentes da superfície textual se encontram conectados entre si através dos elementos lingüísticos. Inexistindo tais elementos, cabe ao leitor construir a coerência do texto e estabelecer mentalmente as relações semânticas ou discursivas. Nesses casos, o lugar do conector ou partícula é marcado, na escrita, por sinais de pontuação (vírgula, ponto -e-vírgula, dois pontos e ponto) e, na fala, pelas pausas. A junção com partícula se estabelece em um seqüenciamento coesivo entre porções maiores ou menores da superfície textual.

Justifica-se a não citação dos outros tipos de coesão pelo fato de que a perspectiva funcional da frase diz respeito, também, à informatividade e a entoação, aos discursos orais, o que foge ao objetivo deste trabalho.

3. Aplicação das teorias de Beaugrande e Dressler segundo Koch.

Koch (1989) adotará em seu trabalho “A coesão textual” alguns tipos de coesão apresentadas por Beaugrande e Dressler. Serão utilizados exemplos da mesma, para demonstrarem-se os mecanismos que envolvem a coesão textual enfocados no tópico anterior.

Recorrência é a repetição de elementos e se dá quando a ocorrência original é reiterada uma ou mais vezes.

No que se refere à recorrência, pode-se classificá-la em:

3.1 - Recorrência de termos: É a repetição da mesma palavra ou expressão: “O trem corria, corria, corria...”

3.2 - Recorrência de estruturas: É a repetição de estruturas, mas preenchidas com expressões diferentes (paralelismo sintático): “Nosso céu tem mais estrelas, Nossas várzeas têm mais flores, Nossos bosques têm mais vida, Nossa vida mais amores....” Gonçalves Dias.

3.3 – Recorrência de conteúdos semânticos: Se refere à paráfrase que é a recorrência de conteúdos, mas com mudança de expressão: “Eu nunca havia visto um assassino... símbolo respeitável que dá reparação ao tirador de vidas”.

3.4 – Recorrência de recursos fonológicos segmentais: “ O poeta é um fingidor: finge tão completamente, que chega a fingir que é dor, a dor que deveras sente.”(Fernando Pessoa p.8)

Quanto às pró-formas a autora irá chamá-las de formas **remissas**. Tem a seguinte classificação:

3.5 - As formas não-referenciais presas: são as que acompanham um nome, antecedendo-o e também ao modificador anteposto ao nome dentro do grupo nominal. São elas artigos, os pronomes, adjetivos, os numerais cardinais e ordinais e também quando acompanham o nome os pronomes pessoais de 1^o e 2^o pessoas que se prendem ao elemento situacional.

“**Um** índice importante do descalabro da atual situação econômica do país é o gradativo empobrecimento da classe média.”

“Preciso de alguns alunos para ajudar na pesquisa. **Dois** procederão ao levantamento do corpus... **O primeiro** aluno que se apresentar como voluntário será o coordenador.”

3.6 - As formas não referenciais livres: são aquelas que não acompanham um nome, mas que são utilizadas para fazer remissão, anafórica ou cataforicamente, a um ou mais constituintes do universo textual são eles:

3.6.1 - Pronomes pessoais de 3^o pessoa: ele (s) ela(s) “ **As crianças** estão viajando. **Elas** só voltarão no final do mês.”

3.6.2 - Pronomes substantivos / demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos e relativos. “Os candidatos foram convocados no edital. **Os mesmos** deverão apresentar-se, munidos de documento.” ; “ Esta é a **minha** opinião sobre o assunto. E **sua** qual é?; Trouxeram-lhes flores, doces, presente. Foi **tudo** em vão.”” **Quantos e quais** são os países da América do Sul?”; “ Cerca de mil pessoas compareceram à homenagem, dentre **as quais** se destacaram os políticos, os artistas e os esportistas célebres.”

3.6.3 - Numerais: “Antônio, José e Pedro estudaram desde pequenos. **Os três** pretenderam forma-se em medicina.”.

3.6.4 - Advérbios: “Perto do parque há um **pequeno restaurante**. **Lá** se reúnem muitos jovens ao entardecer”.

3.6.5 - Locuções adverbiais: “Luciano acha que a desonestidade não compensa. Pena é que sua mulher não pense **de modo semelhante**”.

3.6.6 - Verbo: “O presidente resolveu reduzir os gastos da administração pública. Os governadores **fizeram o mesmo**”.

3.7 - As formas remissas referenciais: são aquelas que, além de trazerem instruções de conexão, fornecem indicações no nível da referência. São elas:

3.7.1-Expressões ou grupos nominais definidos: “Lula perdeu a batalha no congresso”. “**O presidente do Brasil vem sofrendo sucessivas derrotas políticas.**”

3.7.2 - Nominalização: “Os grevistas paralisaram todas as atividades da fábrica. A paralisação durou uma semana.”

3.7.3 - Expressões sinônimas: “A porta abriu e apareceu uma menina. A garotinha tinha olhos azuis e longos cabelos dourados.”.

3.7.4 - Elipse: tem valor referencial “Os companheiros chegaram atrasados. (φ) Tinham errado o caminho e custaram a encontrar alguém que os orientasse”.

3.7.5 - Justaposição: está dividida em três grupos: **meta- nível** / “ **A hipótese acima aventada** faz previsões que podem ser verificadas empiricamente.” ; **marcadores de situação de tempo ou espaço**: “Tratarei, **primeiramente**, da origem do termo, depois falarei de sua evolução histórica. E por fim, **marcadores convencionais**: “ Parece que nossas autoridades econômicas não estão se entendendo muito bem. **Por falar nisso**, o que você me diz do novo choque econômico?”

Pode-se inferir que a coerência textual resulta da configuração que assumem os conceitos em relações subjacentes à superfície textual. É considerado o fator fundamental da textualidade, porque é responsável pelo sentido do texto. Envolve não só aspectos lógicos e semânticos, mas, também, cognitivos, na medida em que depende do partilhar de conhecimentos entre os interlocutores. Assim, a coerência diz respeito ao nexos entre conceitos e a coesão à expressão desse nexos no plano lingüístico, ou seja, a coesão e a manifestação lingüística da coerência.

4- A coerência textual por Ingedore Vilhaça Koch e Luiz Carlos Travaglia

A coerência está ligada à lógica e ao raciocínio textual, porém para fazer julgamento de um texto coerente ou incoerente deve ser levado em consideração o gênero textual e contexto em que o texto está inserido. Uma produção pode ser realizada, por exemplo, em um mundo “real” ou “imaginário”.

...o juízo de incoerência não depende apenas do modo como se combinam elementos lingüísticos no texto, mas também de conhecimentos prévios sobre o mundo e do tipo de mundo em que o texto se insere, bem como do tipo de texto.

(KOCH e TRAVAGLIA. p. 10)

A coerência está intimamente ligada ao sentido do texto, é a possibilidade de estabelecer valores semânticos ao mesmo. O sentido dado ao texto é visto como um todo, uma vez que a coerência é global.

A coerência deve ser entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido deste texto.

(KOCH e TRAVAGLIA. p. 21)

Para haver coerência é extremamente importante que haja alguma forma de unidade ou uma relação entre seus elementos. O texto a seguir sugerido por Ingedore Vilhaça e Travaglia, mostra que palavras aleatórias também podem estabelecer ligações e relações com enunciados anteriores e posteriores formando um só sentido.

(A Eterna Imprecisão de Linguagem)

Carlos Drummond de Andrade

- *Que pão!*

Doce? de mel? de açúcar? de ló? de ló de mico? de trigo? de milho? de mistura? de rapa? de saruga? de soborrvalho? do céu? dos anjos? brasileiro? francês? italiano? alemão? do chile? de forma? de bugio? de porco? de galinha? de pássaros? de minuto? ázimo? bento? branco? dormindo? duro? sabido? saloio? seco? segundo? nosso de cada dia? ganho com suor do rosto? que o diabo amassou?

- *Uma uva!*

Branca? preta? tinta? moscatel? isabel? maçã? japonesa? ursina? mijona gorda? brava? bastarda? rara? de galo? de cão? de cão menor? do monte? da serra? de mato grosso? de facho? de gentio? de João Pais? do nascimento? do inverno? do inferno? de praia? de rei? de obó? da promessa roxa? verde da fábula de La Fontaine? espim? do diabo?

- *Ô diabo!*

Lúcifer? Belzebu? Azazel? Exu? marinho? alma? azul? coxo? canhoto? beijudo? rabudo? careca? tinoso? pé-de-pato? pé-de-cabra? capa verde? romãozinho? bute? cafute? pedro botelho? temba? tição? mafarrico? dubá? louro? a quatro?

- *É uma flor!*

Da noite? de um dia? do ar? da paixão? do besouro? da quaresma? das almas? de abril? de maio? do imperador? da imperatriz? de cera? de coral? de enxofre? de lã? de lis? de pau? de natal? de são Miguel? de são benedito? da santa cruz? de sapo? do cardeal? do general? de noiva? de viúva? da cachoeira? de baile? de vaca? de chagas? de sangue? de Jesus? do espírito santo? dos formigueiros? dos amores? dos macaquinhos? dos rapazinhos? de pelicano? de papagaio? de mel? de merenda? de onze horas? de trombeta? de mariposa? de veludo? do norte? do paraíso? de retórica? neutra? macha? estrelada? radiada? santa? que não se cheira?

- *É uma bomba!*

De sucção? de roda? de parede? premente? aspirante-premente? de incêndio? real? transvaliana? vulcânica? atômica? de hidrogênio? de chocolate? suja? de vestibular de medicina? de anarquista? de são João e são pedro? de fabricação caseira? de aumento do preço do dólar? enfeitada? de zoncho? de efeito psicológico?

- *É um amor!*

Perfeito? perfeito da china? perfeito do mato? perfeito azul? perfeito bravo? próprio? materno? filial? incestuoso? livre? platônico? socrático? de vaqueiro? de carnaval? de cigano? de perdição? de hortelão? de negro? de deus? do próximo? sem olho? à pátria? bruxo? que não ousa dizer seu nome?

- *Vá em paz!*

Armada? otaviana? romana? podre? dos pântanos? de varsóvia? de *requiescat*? e terá?

- *Vá com Deus!*

Qual?

Extraído de: Silveira, Maria Helena. *Comunicação, Expressão e Cultura Brasileira* nº 3. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 53-55.

Nota-se no texto de Drummond que ele está todo interligado, ou seja, as palavras fazem referência em toda a produção. O título é bastante sugestivo e dá base para detectar a relação entre os itens lexicais.

...a coerência é a relação entre os atos de fala que as preposições realizam (uma proposição é definida como a representação lingüística de um estado de coisas por meio de um ato de referência e um ato de predicação, daí a expressão conteúdo proposicional.

(WIDDOWSON p. 25)

Ao estudar a coerência textual, surge a importância de classificá-la, para que o conteúdo se restrinja mais e torne mais fácil a sua compreensão. Diji e Kintsch (1983) mencionam vários tipos de coerência.

4.1- Coerência semântica: refere-se à relação entre significados dos elementos das frases, parágrafos e o texto como um todo.

4.2- Coerência sintática: refere-se aos meios sintáticos utilizados para expressar a coerência semântica, como, por exemplo, os conectivos, o uso de pronomes, de sintagmas nominais etc.

4.3- Coerência estilística: refere-se ao estilo do registro lingüístico. Esta noção tem utilidade na explicação de fenômenos de quebra estilística, por exemplo, o uso de gírias em textos acadêmicos. etc.

4.4- Coerência pragmática: está relacionada a uma seqüência de atos de fala. E essa seqüência tem que satisfazer as mesmas condições presentes em uma dada situação comunicativa, como por exemplo, os vocábulos pedidos x atendimento, possuem relação de sentido, já pedido x ameaça não possuem seqüência de atos.

5- Relação entre Coerência e Coesão

A coerência se relaciona com a coesão, uma vez que a coesão se entende por ligação, relação, os nexos que se estabelecem entre os elementos que constituem a superfície textual. Já a coerência é uma questão de raciocínio (interna) enquanto a coesão é explicitamente relevada por meio de marcas lingüísticas. Ainda assim, a coesão ajuda a estabelecer a coerência na interpretação textual, porque surge como uma manifestação superficial da coerência no processo de produção desses mesmos textos.

...o texto não é coerente porque as frases que o compõem guardam entre si determinadas relações, mas estas relações existem precisamente devido à coerência do texto. A relação entre coesão e coerência é um processo de mão dupla: na produção do texto se vai da coerência (profunda), a partir da intenção comunicativa, do pragmático até o sintático, ao superficial e linear da coesão e na compreensão do texto se percorre o caminho inverso das pistas lingüísticas na superfície do texto à coerência profunda.

(Benárdez p. 36)

Apesar de a coesão favorecer o texto e auxiliar no estabelecimento da coerência, ela não é garantia de se obter um texto coerente, uma vez que os elementos lingüísticos da coesão não são suficientes para que a coerência aconteça.

6- Fatores de Coerência

A coerência deriva de vários fatores em diversas ordens: lingüístico, discursivo, cognitivos, culturais e interacionais. Eis alguns fatores que contribuem com a coerência:

6.1 - Elementos lingüísticos

Os elementos lingüísticos contribuem para dar pistas dos conhecimentos guardados na memória, constituem também o ponto de partida para elaboração de inferências, etc.

Todo o contexto lingüístico contribui na construção de um texto coerente, pois se devem levar em consideração o significado das palavras, os recursos que permitem retomar coisas já mencionadas e apresentar idéias que serão apresentadas posteriormente.

6.2 - Conhecimento de mundo

O conhecimento de mundo interfere no estabelecimento da coerência, uma vez que o texto se tornará compreensivo se há conhecimento no que for lido.

O nosso conhecimento de mundo desempenha um papel decisivo no estabelecimento da coerência: se o texto falar de coisas que absolutamente não conhecemos, será difícil calcularmos o seu sentido e ele nos parecerá destituídos de coerência. É o que aconteceria a muitos de nós se nos defrontássemos com um tratamento de física quântica.

(Koch e Travaglia p 72)

6.3 - Conhecimento compartilhado

Na análise de um texto faz-se necessário que tanto o produtor como o receptor tenham conhecimento em comum e quanto maior for esse conhecimento, maior é a interpretabilidade da produção textual.

Cada texto traz informações já conhecidas e informações novas, para que o texto seja coerente deve haver um equilíbrio entre essas informações.

6.4 - Inferências

As inferências ocorrem em todas as leituras, pois os textos não vêm prontos e acabados, várias partes dele podem ser percebidas por inferências feitas pelo leitor. A coerência textual tem sido tão cobrada em exames vestibulares e concursos que de um modo geral iniciam suas questões da seguinte forma: “Infere-se do texto que...”

Quase todos os textos que lemos ou ouvimos exigem que façamos uma série de inferências para podermos compreendê-los integralmente. Se assim não fosse, nossos textos teriam de ser excessivamente longos para poderem explicitar tudo o que queremos comunicar.

(Koch e Travaglia p. 79)

6.5 - Fatores de contextualização

São aqueles que amparam o texto em uma determinada situação comunicativa, a contextualização dá subsídios para uma melhor compreensão do mesmo.

6.6 - Situacionalidade

A situação comunicativa do texto é extremamente importante para o estabelecimento da coerência e vem atuando em duas direções:

- a) da situação para o texto – interfere na produção e na recepção do texto, um exemplo claro dessa situação é notado quando o contexto sociopolítico-cultural em que o texto está inserido.
- b) do texto para a situação – levando em consideração que um mundo textual não é jamais idêntico ao mundo real, mas sim um mundo visto pelo produtor a partir de determinada perspectiva e determinadas intenções.

6.7 - Informatividade

Esse conteúdo diz respeito ao grau de previsibilidade da informação contida no texto, ela vai determinar a seleção e o arranjo das alternativas de distribuição da informação no texto.

6.8 - Focalização

Está relacionada à concentração, tanto por parte do produtor, como por parte do receptor, em apenas uma parte do conhecimento. Diferenças de focalização podem causar problemas sérios de compreensão e tem relação direta com o conhecimento de mundo e o conhecimento compartilhado. Um mesmo texto, dependendo da focalização pode ser lido de modo totalmente diferente.

No ensino de redação, é conveniente orientar o aluno a delimitar o seu assunto, nesse caso é feita uma abertura para a teoria da focalização.

6.9 - Intertextualidade

É um fator muito importante para a coerência textual, uma vez que o processamento cognitivo na produção e na recepção de um texto, recorre-se ao conhecimento prévio de outros textos. Essa recorrência pode ser consciente ou inconsciente e sempre auxilia na formação de um texto organizado no que se refere às idéias.

7.0 - Consistência e relevância

Um texto consistente é aquele que a argumentação é lógica e bem feita, ou seja, todos os enunciados do texto têm de ser verdadeiros. Já a relevância é importante para uma produção textual na medida em que a abordagem feita pelo autor é pertinente e que o assunto não seja distanciado do tema a ser tratado.

III - NÃO-MARCAS DE COESÃO E COERÊNCIA EM REDAÇÕES ESCOLARES DO ENSINO MÉDIO

São comuns os textos sem unidades, ou seja, desconexos lingüisticamente ou desconectados, isto é, sem coesão e sem coerência. A seguir, descrevem-se partes de textos, extraídos de redações do Ensino Médio:

TEXTO I

“O Brasil vive uma guerra civil diária e no entanto sem trégua, no Brasil se orgulha da índole pacífica e hospitaleira de seu povo porém a sociedade organizada ou não para esse fim também promete a matança impiedosa fria de crianças e adolescente.”

Ensino Médio, 1º Ano

TEXTO II

“O Brasil vive uma guerra civil diária. No Brasil, que se orgulha da índole pacífica de seu povo a sociedade organizada e impiedosa e fria de crianças e adolescentes. Pelo menos sete milhões destes, segundo estudos do Fundo das Nações Unidas para a infância vivem nas ruas.”

Ensino Médio, 1º Ano

TEXTO III

“Nosso país, é visto lá fora como um país bondoso e que aceita tudo realmente, o que percebemos é isso, entretanto sabemos que não é assim, somos bondosos até onde é bom par nós; só que o bom parece que nunca chega e ficamos com as sobras, continuando a ser um país subdesenvolvido onde quem sofre é o povo , daí tanto miséria e discordia.”

Ensino Médio, 1º Ano

TEXTO IV

“ O Brasil nos últimos tempos vem sendo um dos países com maior índice de corrupção política e uma vez um membro da base governista e acusação de se envolver em um desses esquemas. Daniel Dantas membro da câmara legislativa e acusado de fornecimento de informações sigilosas e também caixa dois. As providências tomadas foram somente o afastamento do cargo na câmara legislativa e Daniel Dantas está foragido da polícia.”

Ensino Médio, 2º Ano

TEXTO V

“Nas últimas semanas vimos que a Bolívia e o Brasil entraram em um pequeno confronto. Motivo: O Acre. Estado brasileiro antes pertencente a Bolívia e que foi comprado por

nosso país. O presidente Luís Inácio Lula da Silva viu-se obrigado a mandar o exército par o Acre a fim de defender-mos dos ataques bolivianos enquanto passávamos por problemas com a sociedade paulista, que foi atingida por uma onda de violência provenientes de prisões de todo o país.”

Ensino Médio, 2º Ano.

TEXTO VI

“A oposição ataca o governo acusando-o de estar a par de todos esses casos lembram que as eleições se aproximam e questionam o povo. Querendo um período de quatro anos o povo brasileiro que ver o país mergulhado nesse mar de desonestidade falta de caráter e incerteza.”

Ensino Médio, 2º A

Nos textos I, II e III a descontinuidade e articulação são flagrantes. As primeiras frases lançam uma idéia que não será mais retomada explicitamente. Não é imediata a compreensão dos termos seguintes às primeiras frases dificultando a compreensão do leitor. Esses problemas dizem respeito mais à coerência que à coesão, visto que não se resolveriam apenas com o simples acréscimo de algum item coesivo. Seria importante explicitar conceitos e relações lógico-semântico-cognitiva organizando melhor as idéias. No plano da coesão, entretanto, os autores utilizam a recorrência de termos como **Brasil e país** de forma correta. Os textos também apresentam alguns erros de ortografia e acentuação tornando a leitura cansativa.

Os textos de IV a VI apresentam também problemas com relação à coerência - descontinuidade das idéias, progressão das idéias -, embora de forma mais branda que os primeiros. Os elos coesivos foram utilizados corretamente. Erros de ortografia, acentuação e pontuação foram os que mais chamaram a atenção.

A ausência de um pensamento lógico naquilo que se escreve é mais grave do que o desvio de grafia ou de sintaxe.

Credita-se grande parte dessa realidade à colcha de retalhos que se transformou o mundo da informação. Não se lêem reportagens longas nem artigos, a leitura tem sido dinâmica e salteada.

Estas influências, do mundo moderno, acabam sendo notadas nos textos escritos pelos alunos, que revelam uma sucessão de coisas ditas ou escritas, formando uma cadeia que vai além da simples seqüencialidade. Não há um entrelaçamento significativo que aproxime as partes formadoras do texto falado ou escrito.

IV - MARCAS DE COESÃO E COERÊNCIA EM REDAÇÕES DO ENSINO MÉDIO

Descrevem-se, a seguir, textos retirados de redações do Ensino Médio que apresentam marcas de coesão e coerência.

TEXTO I

Pode ser observado, no trecho abaixo, que a coerência se faz presente a partir do momento em que há uma organização dos argumentos e uma seqüência lingüística plausível. A coesão, também, é notada, uma vez que destacam-se os elementos “ele”, que faz referência ao “Brasil”. “Esta” que substitui o vocábulo sociedade e “deles” que refere-se a crianças e adolescentes.

“O Brasil vive uma guerra civil diária e sem trégua. Ele que orgulha-se da índole pacífica e hospitaleira de sua sociedade. Esta que organizada ou não promove a matança impiedosa e fria de crianças e adolescentes.

Pelo menos sete milhões deles vivem nas ruas das cidades do nosso país, segundo estudos da UNICEF (Fundo das Nações Unidas para Infância).”

Ensino Médio, 1º Ano

TEXTO II

A aluna procurou se aproximar bem dos conceitos de coesão e coerência em sua produção, uma vez que utiliza os verbos fazendo referência aos seus sujeitos sem repeti-los. Utiliza conectivos, arquitetando todo o texto, como é caso de “ em conseqüência”, “por esse motivo”, “pois” e “no entanto”. O trecho em análise possui idéias pertinentes e uma seqüência de raciocínio bem estruturada.

“ Oswald de Andrade, artista modernista, chegou a participar da Semana de Arte Moderna, de 1922 realizada no Teatro Municipal de São Paulo. Passou por crises financeiras no final da década de 1920, em conseqüência da queda da bolsa de valores de Nova York. Por esse motivo, viu-se obrigado a pedir dinheiro a agiotas. Uma de suas principais obras, O Rei da Vela, relata esse tema:

Aberlado I tem uma “empresa”, a “Aberlado & Aberlado”. É um agiota que pode ser caracterizado como um verdadeiro capitalista, pois tudo o que pensa é em dinheiro. Aberlado II, no entanto, é um socialista assumido.”

Ensino Médio, 1º Ano

TEXTO III

Percebe-se a partir deste texto, que os elementos coesivos se fazem presentes a partir das conjunções utilizadas pela aluna. Inicia-se o texto citando datas e depois dessas citações, para se evitar recorrência, a autora utiliza “nessa época”. Apesar de haver repetição desnecessária no nome “O Rei da Vela”. Este parágrafo já foi o suficiente para uma breve análise da teoria explicitada nesta pesquisa.

“Entre 1929 e 1932, o mundo viu a pior crise capitalista de sua história. Nessa época, Oswald de Andrade, já arruinado economicamente, foi obrigado a percorrer empresas de agiotagem. Seu desespero e sua angústia são apontados como a causa de escolher Abelardo I, um agiota, como Rei da Vela, personagem principal de seu livro” O Rei da Vela”], escrito em 1933.”

Ensino Médio, 2º Ano

TEXTO IV

A aluna evitou algumas repetições à medida que se utilizou de conectivos para complementar o sentido do texto. Percebe-se por meio dos conectivos destacados “Este, último e ambos” que eles foram utilizados para uma melhor coesão e seqüência de idéias. Nota-se a presença da coesão e, a partir desta, o texto vai se tornando coerente, ou seja, há uma lógica de idéias e raciocínio.

“O livro “O Rei da Vela” foi escrito pelo artista modernista Oswald de Andrade. Este liderou o movimento modernista “Pau-Brasil” e “Antropofagia”. Ambos os movimentos visaram o nacionalismo e tinham como símbolo o tamanduá. Os mesmos se diferenciaram nos seguintes aspectos: O “Pau-Brasil” surgiu primeiro, mas Oswald de Andrade, em oposição, criou o “Antropofagia” que era totalmente radical, apesar do mesmo idealismo.”

Ensino Médio, 2º Ano

Infere-se, a partir desta breve análise, que a coesão é a manifestação lingüística da coerência e se realiza nas relações entre elementos sucessivos: artigos, pronomes adjetivos, adjetivos em relação aos substantivos; formas verbais nas relações espaços temporais constitutivas do texto, na organização de períodos, de parágrafos, das partes do todo, como formadoras de uma cadeia de sentido capazes de apresentar e desenvolver um tema ou as unidades de um texto.

IV - COMO ENSINAR A COESÃO E A COERÊNCIA A PARTIR DE UMA VISÃO LINGÜÍSTICA

Observa-se atualmente que nas escolas de ensinos regulares há um privilégio de se ensinar a gramática tradicional em detrimento às outras áreas de ensino da língua portuguesa, como é o caso de análises e interpretações textuais e produções de texto. Esse fato faz com que o professor de língua materna se sinta angustiado em explicar a estrutura de um texto, passar e corrigir redações, trabalhar com debates e discussões em uma única aula.

Essa tradição metodológica de se privilegiar o ensino da gramática faz com que o aluno não aperfeiçoe a sua capacidade de interação com a língua e acabe caindo no esquecimento, uma vez que o aluno termina o ensino básico e muitas vezes não consegue falar e escrever de acordo com a norma culta.

Sabe-se que a lingüística busca estudar uma determinada língua em sua totalidade, a condenar quem o faz privilegiando apenas uma de suas variedades. Esta defende a existência de três gramáticas: *gramática internalizada, descritiva e normativa*. A primeira pode ser definida como a que o indivíduo traz em si, é a capacidade inata que este tem de falar e escrever sua língua, já a segunda é uma espécie de gramática que descreve a língua como esta está sendo utilizada pela população em uma determinada época – é um estudo sincrônico da mesma, por contraste, a gramática normativa tem como principal característica o condicionamento da língua, tentando fazer com que esta seja um instrumento estático. É justamente isso que faz com que exista tanto conflito entre a GN e os indivíduos falantes de uma determinada língua, pois a língua não se permite ficar estática, mas evolui continuamente e o produto final deste conflito é o fato da GN nunca conseguir se realizar em uma dada sociedade, pois tem como ideologia o impossível.

Diante desse posicionamento da GN, observam-se outros conflitos que a ideologia dessa causa entre uma determinada língua e seu falante. Além de sua ideologia de não permitir a evolução da língua, do ponto de vista sincrônico, por ter sido eleita como a forma de expressão lingüística da elite tem o poder de dominação e discriminação. Essa dominação que tem como consequência a discriminação de quem fala diferente acaba por fazer com que as pessoas, falantes do português, sejam marginalizadas a sofrer com o preconceito lingüístico. É justamente sob esse preconceito que a lingüística busca formular suas teorias e discutir suas questões baseadas em argumentos plausíveis. Em meio a todo esse conflito entre falante e GN, a

lingüística tem como principal argumento a idéia de questionar a superioridade da GN em relação às outras variedades da língua, pois baseadas na própria história da GN percebe-se que esta nasceu da descrição e da escolha de uma determinada variedade lingüística, entre outras, para a sua composição. Diante desse fato a lingüística se pergunta: baseado em que critérios de escolha, determinada expressão lingüística é superior à outra? A resposta vem, quase que automática: baseado no critério de quem fala, ou seja, escolha baseada na elite – os dominadores. Do ponto de vista de uma análise descarrega de preconceito social nota-se que este argumento não convence, pois não é capaz de explicar o porquê de uma dada expressão lingüística superior a outra, pois o que existe na verdade são diferenças.

O que é interessante de ser percebido é que a língua portuguesa deve ser vista e analisada em sua totalidade a não se resumir apenas na norma culta, que é simplesmente mais uma variedade da língua. Com isso amenizaríamos o preconceito lingüístico e a ideologia de que a GN é a única forma correta de se expressar que deve ser seguida.

Baseado na discriminação da GN para com as pessoas que não realizam no cotidiano, por vários motivos, o lingüista *Marcos Bagno* busca provar-nos a teoria lingüística – que defende a idéia de que ninguém fala errado, mas sim diferente, a mostrar-nos em sua conhecida obra *O preconceito lingüístico (2000)* que esse preconceito é arbitrário e que na verdade o problema todo se resume não *ao que se fala*, mas sim *a quem fala*. Sua obra é dividida em mitos criados pela GN e pela elite discriminadora. Os principais são:

1- A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente:

Para o autor esse é um dos mais sérios mitos se aplicado no contexto escolar, pois é prejudicial à educação, uma vez que não reconhece a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, “a escola tenta impor sua norma lingüística como se fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiro, independente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolaridade e etc.” (o preconceito lingüístico, pág. 15). Bagno afirma que o fato do Brasil ter a língua portuguesa a mais falada entre sua população não quer dizer que esse português seja um bloco compacto, coeso e homogêneo, pois apresenta variações, com sua gramática específica, coerente, lógica e funcional. Assim, quando se fala em língua portuguesa, no Brasil, fala-se de uma unidade que se constitui de muitas variedades.

2- Português é muito difícil:

Esse mito tem origem ao fato da criança ao chegar na escola sentir que o português é ensinado de uma forma que para ele parece uma língua estrangeira, pois as regras que são passadas não correspondem realmente ao que se escreve ou ao que se fala no Brasil. Isso cria a ideologia de que português é difícil, mas se não o resumirmos à norma culta esse mito pode ser desmistificado, pois a mesma pessoa que afirma isso se comunica funcionalmente por meio do português.

3- As pessoas sem instrução falam tudo errado:

Esse mito apóia-se arbitrariamente na idéia de que uma variedade lingüística é vista como feia, pobre, carente... Não se adequa aos padrões da GN. Baseado em um exemplo comum aos falantes do português no qual pessoas falam: Craudia, chicrete, prano... ao invés de Claudia, chiclete e plano. Bagno descobriu que este é um fenômeno de evolução da língua, pois na formulação da GN portuguesa, a etimologia de várias palavras foi modificada por conta desse fenômeno, no qual, a elite da época falava cravo, ao invés de *clavu* (etimologia). Assim nota-se que para o preconceito o que importa na verdade é quem fala e não o que se fala. Essa tese é tão real, que se pode comprová-la por meio da observação dos sotaques. O sotaque do nordeste – região mais pobre do Brasil, é visto como ridículo tanto pela elite social como para a televisão – meio de comunicação de maior ascensão no Brasil, no entanto o do sul e sudeste – regiões de maior poder aquisitivo, não sofrem com preconceito ou ridicularização.

4- É preciso saber gramática para saber falar e escrever bem:

Se esse mito fosse plausível, todos os gramáticos seriam grandes escritores (o que está longe de acontecer) e todos os escritores seriam especialistas em gramática. Diante disso, o livro relembra um episódio acontecido na vida de um dos maiores escritores do Brasil, *Machado de Assis*, que ao abrir a gramática de um sobrinho se assustou com sua “ignorância” por não ter entendido nada. Outro exemplo capaz de desmistificar isso é o fato de que muito antes da *gramática grega*, que exerce até hoje grande influência em nossa cultura ocidental, ter sido criada no século II a.C. enquanto que as grandes obras de Ulisses: *Ilíada* e *Odisséia* já eram conhecidas no século IV a.C. na mesma época do grande dramaturgo *Esquilo*, verdadeiro criador

da tragédia grega. O autor pergunta-se: que gramática eles consultaram? Nenhuma. Como puderam escrever e falar tão bem a sua língua?

5- O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social:

O livro questiona esse mito com argumentos fortes e convincentes, ao se perguntar se o fato de uma pessoa dominar a norma culta é a garantia de uma ascensão social? A resposta é simples: não, pois se assim fosse os professores de português estariam obrigatoriamente no topo da pirâmide social e um fazendeiro que frequentou pouco a escola não teria a possibilidade de ser rico. Para Bagno, o mero domínio da norma culta não é uma fórmula mágica capaz de resolver todos os problemas de um indivíduo carente.

Diante de toda essa discussão entre gramáticos e lingüistas questiona-se: o que seria plausível então? Deixar a GN de lado? Priorizar apenas os regionalismos ou a forma coloquial da língua? Sabemos que formação do indivíduo dar-se na escola, diante disso vejamos o que a escola pode fazer para que esse preconceito seja extinto da nossa sociedade, pois o que a lingüística pretende na verdade, não é queimar todas as gramáticas tradicionais, mas sim reconhecer que uma língua jamais pode ser resumida a apenas uma variedade lingüística e que uma pessoa não deve ser discriminada pela variação lingüística usada, pois nada pode nos provar que uma variação é superior à outra.

6- Por um ensino mais justo e mais compreendido da língua portuguesa nas escolas brasileiras

Acredita-se que o primeiro passo para um ensino plausível de língua portuguesa no Brasil, seria primeiramente mostrar para o aluno que a língua não se resume apenas a GN, mas que esta é apenas mais uma variação e que por arbitrariedade é tida como superior. Nenhuma variação é melhor do que a outra, mas sim diferente. Outra coisa que não pode deixar de ser trabalhada com o aluno é a utilização dessas variações, as quais devem ser usadas pelos falantes de acordo com o contexto em que este está sendo inserido. O importante é mostrar para os estudantes a importância de conhecer todas as normas da língua e usar cada uma quando necessário. Assim o aluno não se sentiria aprendiz de uma língua estrangeira quando o professor

fosse ensinar a norma culta em sala de aula. Na verdade o papel ideal do professor de português seria levar o aluno à norma culta partindo de sua gramática internalizada, ou seja, o seu jeito de falar e escrever.

O ponto de partida para esse ensino da língua portuguesa em sua totalidade seria o professor sugerir aos alunos que pesquisassem, tanto em livros quanto em falares do cotidiano as variações lingüísticas e a partir daí começar a discussão do tema, tendo como objetivo fazê-los entender que a língua não é a **GN**, mas todas essas variações lingüísticas pesquisadas e discutidas, fazendo-os perceber que nenhuma é melhor do que a outra, e sim diferente, e que é importante conhecer e dominá-las usando cada uma dessas, com sua particularidade, quando necessário.

Compreende-se que o ensino de coesão e coerência se apóia na gramática, porém ele é maior compreendido quando se trabalha em produções textuais, uma vez que, é através da leitura e escrita que o aluno consegue se apoiar melhor e produzir redações melhores.

O ensino de coesão e coerência não é um mero conteúdo que deva ser explicado com base em determinada metodologia, mas é sobretudo para professor uma questão de postura, ideologia, metas, objetivos e fundamentos, a ser trabalhada com os alunos.

CONCLUSÃO

Observa-se a partir dessa pesquisa, que ao estudar o assunto coesão e coerência, percebe-se uma grande dificuldade dos alunos em suas produções textuais no que se refere a esse assunto. A partir dessa perspectiva foram dadas várias sugestões de como se trabalhar esse tema em sala de aula, a fim de que as produções textuais tenham mais coerência, uma vez que a língua não está desvinculada da experiência dos alunos.

Torna-se difícil trabalhar redação nas escolas, pois em sua maioria é privilegiado o ensino da gramática, assim o aluno apenas “decora” regras e em muitas vezes não sabe aplicá-las em seu cotidiano.

Um dos fatores que prejudicam a escrita dos alunos é a falta do hábito de leitura e a coesão e coerência estão intrinsecamente ligadas a leituras anteriores e a leituras de mundo, além de relacionarem a própria formação do aluno.

Deveria haver uma maior conscientização da parte governamental e da sociedade no que se refere ao ensino da língua materna, fazendo com que fosse redistribuída a carga horária de língua portuguesa, privilegiando leituras prazerosas e produções textuais.

Além disso, a população poderia ter mais acesso aos livros de seu interesse, pois são poucas bibliotecas públicas de qualidade e os livros não são tão acessíveis à população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. *O Preconceito Lingüístico, o que é e como se faz*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BASTOS, Lúcia K. X. *Coesão e Coerência em narrativas escolares escritas*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1985.
- BEAUGRAND, Robert de; DRESSLE, Wolfgang. *Introduction to text Linguistics*. 2. ed. Londres, Logman, 1983.
- BRAGA, Maria Luiza & SILVA, Giselle M. de Oliveira. *Novas Considerações a respeito de um velho tópico: a taxonomia novo e velho*. IN: GUIMARÃES, E.R.J. *Lingüística: questões controversias*. Uberaba: FIUBE, 1984, Série Estudos, 10: 27-40.
- COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e Textualidade*. São Paulo: Martins Fontes 2. ed., 1999.
- FÁVERO, Leonor L. & Koch Ingedore G. V. *Lingüística Textual: Introdução*. São Paulo, Cortez _____ . *Coesão e Coerência textuais*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- KOCH, Ingedore G.V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.
- _____. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos & KOCH I.G.V. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 2003.
- VILELA, Mário & KOCH, I.G.V. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Asmedina, 2001.
- POLÔNIO, Diogo Maria de Matos. *Pragmática Lingüística: coesão e coerência textual*. 2006. Disponível em: <http://www.ipv.pt/millennium/ect8_pol.htm>

